

A militância feminista na e pós ditadura civil-militar no Brasil: Amelinha Teles

Feminist militancy in and after civil-military dictatorship in Brazil: Amelinha Teles

La militancia feminista en y después de la dictadura cívico-militar en Brasil: Amelinha Teles

Keides BatistaVicente¹

Aline da Costa Luz²

A escritora e jornalista Maria Amélia de Almeida Teles, mais conhecida como Amelinha Teles, nasceu em Contagem, Minas Gerais, no dia seis de outubro de 1944. Sua militância política teve início no ano de 1960 no Partido Comunista Brasileiro (PCB), o que levou a sua primeira prisão no ano de 1964 juntamente com sua irmã Criméia. No ano de 1968 as irmãs aderem ao Partido Comunista do Brasil (PC do B). No ano de 1972 ocorreu a sua segunda prisão juntamente com o seu companheiro César Teles. Ela esteve presa no DOI-Codi/SP, Deops/SP, Presídio do Hipódromo e por fim, Casa do Egresso, somando aproximadamente 10 meses de reclusão. A sua militância tem marcas importantes no movimento feminista e na busca pelos mortos e desaparecidos políticos, o que pode ser acompanhado na atuação na Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos e na coordenação do o Projeto Promotoras Legais Populares.

Trajetória de vida e militância

Entrevistadoras: Amelinha, nós começamos, sim, pelo momento de grande importância na sua vida militante e como mulher, que é o período da ditadura. Então, assim, eu acho que a primeira questão seria pensar sobre a sua militância como mulher, mãe, esposa, e suas considerações sobre esse momento na sua vida como militante. E aí, se você pudesse fazer um relato, uma avaliação desse momento.

¹ Doutora em Educação, UFG. Professora pesquisadora vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, UEG, Câmpus Metropolitano, Unidade Universitária de Inhumas. Email keides.vicente@ueg.br

² Doutoranda em Educação – UnB. Professora de História EBTT – IFG. Email: linecosta89@gmail.com.

Amelinha Teles:

É o seguinte, eu nasci meio que militante, porque eu sou filha de sindicalista, de comunista, portanto, minha casa sempre teve reunião, sempre teve manifestação, "nós vamos lá para o comício tal", "vamos para o sindicato". Então, desde sempre eu fui, acho que desde bebê. Então, eu tenho a militância na minha história. É uma condição de vida, eu vivo dentro dessa militância. Quando, na ditadura, evidentemente, o golpe militar de 1964 já me colocou, ahh... Meu pai foi preso nos primeiros dias, foi sequestrado dentro do trabalho, e eu e a minha irmã, a Crimeia, nós somos duas irmãs, só nós duas na família, nós fomos buscar, procurar informações de onde poderia estar meu pai e eles nos prenderam também no quartel do exército, nós fomos presas. Ficamos lá no quartel. Isso logo em maio de 1964. E logo depois eu vou casar, caso com César Augusto Teles, e logo em seguida, nesse processo de ditadura, a ditadura vai aumentando a repressão vai aumentando, e com isso nós acabamos tendo que viver na clandestinidade. E na clandestinidade nós fomos dedicar a nossa atuação política na imprensa clandestina. Eu falo assim, eu sou da imprensa clandestina. A gente fazia o jornal, que chamava Classe Operária, e mais algumas publicações que o partido decidia.

A gente trabalhava junto com o que chamava na época, hoje eu não sei nem como é que chama, mas na época era Comitê Central do Partido. Hoje acho que é Direção Nacional, alguma coisa assim. Nós não éramos do Comitê Central, não éramos da Direção Nacional. Nós trabalhávamos para o Comitê Central, junto com dirigentes do Comitê Central, entendeu? Eu tive meus filhos, dois, eu tive meus filhos na clandestinidade, a Janaína Teles e o Edson Teles, na clandestinidade. E, eu falo, eu sou da imprensa clandestina. Vou ser quando, em 1972, meus filhos estão com 4 e 5 anos de idade. Aqui no norte, agora chama Tocantins, mas no lado mais do sul do Pará, tem um movimento guerrilheiro que tem a sua eclosão em abril de 1972. A partir dessa data, o partido, pelo menos o Comitê Central, a direção nacional, que chama hoje, passa a ser muito perseguida, né, mais ainda. Já era, mas passa a ser vamos dizer, cada época da ditadura, a ditadura elege um inimigo principal. E nesse momento é o PC do B, o Partido Comunista do Brasil, que, aliás, vão ser mortos praticamente todos os seus dirigentes. Então, aí que eu vou ser sequestrada. Eu, meu marido e o Daniel, que era o dirigente do Comitê Central, responsável pela imprensa clandestina.

E é interessante, agora... Então, acho que essa parte da história, não sei se vocês gostariam de ouvir, mas essa parte da história, vocês gostariam?

Entrevistadoras acenam que sim

Amelinha Teles:

Porque ela é muito conhecida, porque eu nunca deixei de denunciar ditadura e nem tortura. Pode acontecer o que for nesse país, eu vou denunciar. Entendeu? Inclusive, eu estou acompanhando todo esse desaparecimento, o assassinato dos dois militantes, um jornalista e um indigenista, em favor da causa indígena, porque essa história se repete há décadas, há séculos no Brasil, o desaparecimento. E na ditadura foi usada exatamente o mesmo *modus*

operandi para desaparecer com os corpos, que eles estão falando agora desses dois. Foram usados para os guerrilheiros do Araguaia, para os guerrilheiros urbanos e para os militares, militantes e para quem trabalhou na imprensa, porque teve muita gente que foi morta. Eu sou uma sobrevivente, acho que eu sou uma sobrevivente e até me sinto na obrigação de sempre estar denunciando.

Porque eu sobrevivi, eu tenho que contar essa história, eu penso assim. Então, aquele sequestro, aquela prisão, aquela tortura, torturaram o Daniel até a morte, nós acabamos sendo testemunhas oculares da morte, foram na minha casa, sequestraram meus filhos com 4 e 5 anos e minha irmã grávida de 8 meses. Meu sobrinho nasceu na prisão, nasceu sob torturas, ele sofreu torturas, inclusive antes de nascer até. Então, essa história toda faz parte da... não só da minha história, mas de tantas pessoas que passaram por isso. Parece que não era um assunto... Não era uma questão de algumas pessoas. Eu acho que foi de muita gente. Muita gente passou por isso. As pessoas... Se a gente for pensar na ditadura, a ditadura tem um momento que ela prende e sequestra todo mundo, principalmente as pessoas ligadas ao governo do João Goulart, naquele primeiro momento, sindicalistas, professores, funcionários públicos, militares. Militares também foram mortos. Os militares, inclusive, do Exército, que não aceitavam desrespeitar a Constituição, porque o golpe é um desrespeito total à Constituição. A Constituição não prevê, como um processo legal, o golpe. Não prevê. Como a de hoje também não prevê. Qualquer golpe está indo contra a Constituição. A Constituição nossa, de 1988, é democrática, é uma Constituição democrática, então ela não prevê golpe, né?

Você não pode depor um presidente da República a seu bel prazer. Não. Então é... Isso que aconteceu e muitos militares até foram contra esse tipo de atitude e às vezes foram presos e mortos ou caçados. Muitos políticos caçados, muitos deputados.

Parlamentares caçados, isso no primeiro momento. Num segundo momento, eles justificavam as prisões e as mortes como se todo mundo estivesse na guerrilha, estivesse no combate, o que não é verdade. Teve o movimento armado no Brasil, mas muita gente não estava diretamente nesse movimento, né, nessa luta armada. Eu, por exemplo, eu era da imprensa, Eu era da imprensa, não estava no processo da Luta Armada. Mas a gente era torturado e submetido à ação daqueles criminosos da mesma forma. E os militantes que estavam na Luta Armada, a maioria deles, e eu sou uma estudiosa daquele tempo, nunca vou deixar de estudar aquele tempo, porque acho que a gente tem que conhecer nossa história para a gente encontrar caminhos em defesa da democracia. Se a gente não conhece a história, não encontra esses caminhos. Então eu vejo que muitos morreram de forma cruel, foram sequestrados na rua ou em casa, são levados para o DOI-CODI ou para vários centros de extermínio ou centros de tortura e extermínio, vão ser assassinados ali dentro e depois recebem a manchete "terrorista morto em tiroteio".

Isso é uma manchete pronta, já pronta, feita pelo DOI-CODI. E isso eu aprendi na minha própria pele porque o Daniel foi assassinado dentro do DOI-CODI e passados alguns dias o capitão Ubirajara, que é na verdade, um delegado de polícia aqui de São Paulo, que ele chama Aparecido Laerte Calandra, ele me mostrou um jornal falando "leia essa manchete", e eu li a manchete, estava escrito "terrorista morto em tiroteio", e do lado tinha a foto do Daniele

torturado. E eu falei com ele assim, "Ué, mas se ele morreu foi aqui dentro, como é que morreu em tiroteio?" Ele morreu aqui dentro, nessa sala, inclusive eu estava do lado da sala onde ele tinha sido morto. Aí ele falou assim, "Isso é pra você ver que aqui vocês morrem e nós damos a versão para a morte de vocês, a versão que nós queremos, entendeu? E você pode também ter uma manchete dessa no jornal, qualquer dia desses." Então era isso, quando tinha conversa era nesse nível, né? Era nesse nível.

E, bom, eu sou feminista há muito tempo. Nesse processo todo, eu sou feminista, uma feminista solitária. Então, feminista solitária é muito fraca. Nós somos movimento. Nós somos coletivo. Ou Coletiva, né? Como dizem nossas companheiras atuais, elas falam coletivas. Nós somos coletivas. Então, quando a gente está sozinha, a gente...mas o feminismo está lá, a chaminha do feminismo. Mas a gente é muito... As nossas intervenções são muito frágeis ainda. E eu sou feminista desde o dia... Eu sempre falo isso. No dia 19 de março de 1964, quer dizer, alguns dias antes do golpe, houve uma marcha das mulheres por Deus e pela família, e não sei mais o quê. Enfim, essa marcha tinha muitas mulheres. As mulheres na frente eram mulheres brancas, mulheres da classe média, junto com uma pessoa da Igreja Católica, um governador e alguns homens. Mas o grosso dessa marcha, que eram milhares e milhares de pessoas, eram mulheres pobres, mulheres negras, mulheres...

Entrevistadoras: como você analisa a participação de mulheres na marcha?

Amelinha Teles:

Sabe a impressão que eu tinha? Eu vi essa marcha, eu sou muito velha, gente, esqueci de falar para você que eu tenho 77 anos. Não é mole não, não é mole não. E aí então, eu vi essa marcha e a impressão que eu tinha era a seguinte, que as patroas iam à frente e as empregadas iam, sabe? Eram obrigadas a ir.

Bom, nesse dia eu lembro que eu sentei na calçada, assim, sabe, no chão, e comecei a chorar.

Eu falei, que tristeza, gente. Isso é muito grave o que está acontecendo, porque essas mulheres, essas mulheres que estão aí acompanhando essas mulheres brancas, essas mulheres são mulheres nossas. São mulheres... É o nosso povo, é a nossa gente. E como é que essas mulheres estão seguindo essas brancas que estavam querendo depor o presidente João Goulart, que falavam que vermelho só é bom no batom, olha só! Que nem foice, nem martelo, queremos verde e amarelo, eram essas as falas. Aquilo me doeu o coração. E aí eu pensei alguma coisa nós estamos fazendo de errado, tá faltando alguma coisa nessa história nossa de comunista. E logo eu vi que a gente tinha poucas mulheres no partido. Muito poucas. Raras mulheres. Aí que eu fui me dar conta que estava faltando uma política para as mulheres. Mas eu não tinha com outras mulheres para conversar. Eu trabalhei na imprensa clandestina só com homens, gente. A minha maternidade foi só com homens. Então, os homens naturalizam toda aquela discriminação das mulheres mães. Eles acham que nós nascemos para isso mesmo, para ser discriminada, para trabalhar em casa, para ficar... Enfim, a maternidade, ninguém percebia nela uma construção, uma construção social e que se usa essa discriminação para colocar a mulher em condição de maior inferioridade.

De maior inferioridade. Que inferiorizam as mulheres. A maternidade em determinadas condições, o que é, na maioria das vezes, porque a maternidade é um motivo para você ser demitida do trabalho, é a primeira coisa. Parece que você se tornou mãe, então você é a pessoa... É a pessoa que tem que... Que se sabe lavar, cozinhar, passar, ter paciência. Parece que mãe você tem que ser assim. Uma super mulher, né? E ao mesmo tempo muito fragilizada, porque você não merece todos os direitos que estão ali, exercendo na sociedade, ainda que uma sociedade ditatorial.

E foi muito difícil porque eu não tinha com quem conversar. Eu conversava com os machistas. O meu feminismo nasceu por uma necessidade mesmo, porque eu vi tanto machismo, que eu falava, "Gente, nós não estamos falando em igualdade?" "Não, mas biologicamente, eles queriam mostrar para você que biologicamente você é mais fragilizada. Eu falava, "Eu posso acreditar nisso?" Eu discutia como se fossem meus botões, meus feminismos, como os meus botões. E tinha o meu companheiro, o César, ele também participava dessa aflição, dessa angústia. O nosso feminismo era uma angústia. Até que na tortura, isso ficou pra mim muito forte. Porque eu falei assim, "Olha, todo mundo acha que nós somos frágeis, mas esses militares aqui não acham, não."

Eles tratam a gente, eles faziam questão de falar isso, eles tratam a gente como homens. Então, ou seja, nós somos muito fortes.

Sabe que eu me senti na tortura, eu me senti muito forte?

Eu falei, olha só, eles, né, eu me senti assim, muito mais autodeterminada. Eu vi que a vida e o que eu fazia dependia de mim, ali naquela hora dependia de mim. Era eu e os torturadores. Então, eu construí uma autoconfiança. Eu construí uma autoconfiança e que os feminismos ajudam muito a gente. Nossa, como fortalecem! Eu falei, "É por aqui que eu vou." "É por aqui." E foi uma luta para sobreviver. Foi uma luta, porque na tortura você quer morrer. E depois que eles te largam lá na cela, você quer viver. Você quer tentar viver. Você tá morrendo, mas você quer... "Não, eu não posso morrer, eu tenho que viver." E aquela briga constante, né? Você vive esse contraditório o tempo todo. E aí, então, eu saí da prisão. Na prisão, eu fiquei muito tempo solitariamente, porque eram menos mulheres que eram presas e mais homens, porque os homens eram mais, tinha mais homens presos.

Sempre. Todo presídio que eu fui, tinha mais homens. Então, a cela das mulheres, às vezes, era eu sozinha na cela. A cela chamava "Cela das mulheres", mas era uma. Às vezes eu tive um ou mais mulheres, mas quando eu fui para o presídio mesmo, aí é que eu fui conviver com mulheres, porque eram 23 mulheres. E sempre que vou falar delas, vou agradecer a todas elas, porque que força, que acolhimento que elas me deram, sabe? Então, olha, não tenho nem como descrever. Eu nunca escrevi sobre isso, tenho dificuldade de falar sobre isso, porque eu sou muito política, então tem que falar da política, e aí você não fala dos seus afetos, das suas gratidões. E elas foram... Nossa, como essas mulheres me ajudaram, me apoiaram, me deram força, me deram colo, sabe? Elas me deram tudo que eu precisava naquele momento, e eu tenho que agradecer.

E o dia que eu saí da prisão, gente, eu saí da prisão junto com Eleonora Minecuti, sabe aquela ministra? Eu saí junto com ela. Aliás, nós somos amigas. Eu sou muito amiga dela até hoje. E era amiga antes também, porque eu conheci ela de Belo Horizonte, ela era de lá.

E nós saímos juntas, eu me lembro disso, e eu não tinha dinheiro para pagar um ônibus. Eu lembro que a tia dela, que foi lá busca lá, é que deu o dinheiro. "Não, toma aqui esse dinheiro para você" "Nossa, que é isso?" Ela me deu esse dinheiro e eu saí com uma... O ano que vem vai fazer 50 anos que eu saí da prisão. E aí... Como é que eu... E este ano faz 50 anos que eu entrei, porque eu fiquei um ano. Então, eu saí... A coisa que mais me impressionou foi aquela luz na rua, aquela claridade.

Gente, a liberdade pra mim tem cor, sabe? Ela tem aquela cor iluminada, dourada, porque era um dia que tinha sol, tinha luz na rua, iluminação do sol, né? Então, esse foi um dia muito feliz pra mim, né? E eu fui encontrar muito apoio em mulheres também. Eu fui encontrar...

A primeira mulher que me chamou pra conversar com ela foi a Margarida Gilevois, que é uma mulher aqui da Comissão de Justiça e Paz, que já fez 99 anos este ano, vai fazer 100 anos no ano que vem. Espero que tenha uma bela festa para ela. E ela pediu para eu contar tudo para ela o que tinha acontecido na prisão. E eu falei que tem coisas que eu tenho até vergonha de falar, sabe? Eu tive muita dificuldade.

Eu nunca falei que fui estuprada na tortura, entendeu? E ela falou assim, "mas fale, fale porque isso vai te... Primeiro que nós temos que denunciar o que eles estão fazendo e quando uma pessoa em carne e osso fala que foi torturada, as outras pessoas começam a acreditar também", porque as pessoas não querem acreditar que tem tortura, que era muito comum falar que não tinha tortura no Brasil, mas tinha.

Tinha e tem, a gente sabe que tinha, tem e teve. Então, ela me deu muita força. A mulher que conseguiu, a mulher que me levou para casa dela foi a doutora Rosa Cardoso, que é da Comissão Nacional da Verdade. Também me deu muito apoio, que era minha advogada. E a uma outra que era uma judia, gente, alemã, que me deu o primeiro emprego depois da prisão. Eu agradeço muito que a Ilka também já morreu, mas eu agradeço muito a ela, porque... O que aconteceu? Ela me deu um emprego. Aí os militares, os policiais foram lá falar com ela que ela tinha que me demitir, porque eu era terrorista. Olha só! E elas foram lá falar com ela, mas eu não sabia, né? Porque eu estava aqui trabalhando, e eles foram lá na diretoria. Ela era dona da empresa. Então, ela me chamou na sala dela. Quando ela me chamou na sala dela, eu já tinha recebido o primeiro salário. Eu estava tão feliz, gente! Vocês não imaginam que você tem um dinheiro na mão, você poder pensar assim, agora eu vou alugar um lugar para morar com meus filhos". "Você vai poder ir no supermercado".

"Gente, vou comprar minha subsistência. Gente, vocês não acreditam na alegria que é você ter um salário na mão. Ela estava contente com aquele salário e, de repente, eu vejo ela me chamando para a sala dela. Eu falei, "Ixi, que estranho ela me chamar para a sala". Aí ela me chamou, eu fui e pensei que ela ia me... Alguma coisa errada tinha acontecido. Ela falou assim, "Você foi presa política?" Eu falei, "Eu fui." Ela falou, "Por que você não me contou?" Eu falei, "Eu não te contei porque eu achava que eu não ia conseguir o emprego. Se eu fosse presa política você não ia querer me contratar." Ela falou assim, "Você está sendo processada?" Eu falei, "Estou sendo processada", porque a gente é processada na primeira instância, na segunda, na terceira. Aliás, uma vez presa, você é sempre presa. Eu acho até graça falar "ex presa", porque na verdade, você está sempre na mão da repressão. E é muito estigmatizado, porque a sociedade também tem medo de você, tem muito medo. Então, eu falei com ela. Ela falou assim, "sabe por que eu estou perguntando?" E eu pensei, ela vai falar assim, porque eu vou te demitir,

não vou ficar com uma pessoa que está na prisão, que foi da prisão, está processada, lei de segurança nacional, está perseguida.

Eu estava esperando tudo isso. Ela falou assim, "Não, sabe o que é? Os militares vieram aqui me cobrar para eu te mandar embora, porque disse que você é terrorista." Aí eu fiquei olhando para ela, esperando a conclusão. Ela falou assim, "Sabe o que eu falei com eles? Eu não vou mandar ela embora, não. Ela está trabalhando, está muito bom aqui, eu não vou mandar ela embora não. Aqui na empresa, eu cuido, vocês cuidam lá fora do seu serviço". Ela foi muito valente. "Vocês cuidam lá fora do seu serviço e me deixam eu trabalhar, eu e ela aqui, tá? Aqui tá muito bom". Gente, eu abraçava essa mulher, eu chorava tanto, gente, de alegria. Nossa, olha só, eu não sou uma mulher de sorte, gente, eu sou de muita sorte. Nossa, que coisa. Que gente tão boa, tão maravilhosa. E aí ela me contou a história dela. Ela era judia, alemã, morava em Berlim, aquele nazismo querendo prender todo mundo, matar e levar para o campo de concentração. Ela fugiu para o Brasil. Ela tinha 19 anos quando ela fugiu para o Brasil. Então ela falou, "Eu sei o que é ser perseguida. Por isso eu não vou te perseguir. Eu sou solidária com você. Você vai ficar aqui até o dia que você quiser". E ela foi minha amiga até o dia que eu quis ficar ali. Porque depois eu achei outro emprego. Eu fui trabalhar na imprensa alternativa. Eu fui da imprensa democrática, ou imprensa tabloide, ou imprensa nanica. Tinha vários nomes naquela época. Fui trabalhar no jornal Movimento, que era um jornal de oposição à ditadura e muito censurado. Enfim, foi uma experiência muito interessante. E, ao mesmo tempo, eu fui trabalhar no Brasil Mulher, o jornal Brasil Mulher, que, no meu modo de ver, é o primeiro jornal feminista desse período. É claro que a imprensa feminista já teve outros momentos da história do Brasil, mas naquele momento foi um jornal em plena ditadura.

O primeiro número é lançado em outubro de 1975, que é que no Brasil as feministas aproveitaram o fato de ter um ano internacional da mulher, proclamado pela ONU, pelas Nações Unidas, para fazer o movimento aparecer na rua. O movimento feminista, ele tem data de começar, eu falo assim, enquanto coletiva, enquanto visível, publicitado, que é no dia que é em 1975. Você pode ver as mulheres contra o custo de vida, contra a alta do custo de vida vão para a rua, as mulheres da luta por creche começam também a aparecer, as mulheres pela anistia ampla, geral e irrestrita, o movimento feminino pela anistia, tudo. Quer dizer... Que antes a gente estava pensando, mas quando foi em 1975, a gente aproveitou essa brecha da ONU e saiu. E é claro que os militares ficavam seguindo a gente, ficavam vigiando, faziam comentário do lado da nossa... Às vezes a gente estava sentada ali numa reunião e eles faziam comentários e tudo. Mas, enfim, o nosso jornal saiu em outubro de 1975, exatamente no mês em que foi assassinado Vladimir Herzog, jornalista, aqui no DOI-CODI, em São Paulo. Você vê o significado do feminismo que nós estávamos fazendo ali. Naquele momento, era um feminismo pela democracia, era um feminismo pelas liberdades políticas, pela anistia contra a alta do custo de vida, pela creche. Isso tudo era um feminismo. A gente ia para o sindicato, a gente ia para as periferias. Então, esse feminismo é o que eu trago até hoje. E eu trago esse feminismo comigo. Eu me sinto dentro dele.

Feminista comunitária

Entrevistadoras: Amelinha, é nesse movimento que você falou, quando você sai, vai para o presídio, está lá com 23 outras mulheres. É nesse momento que você deixa de ser essa feminista solitária e passa a ser uma feminista comunitária?

Amelinha Teles

Com certeza deve ser, mas eu não tinha consciência disso, entendeu? A consciência, de eu falar assim, ali eu não tinha consciência não". Eu nem as mulheres ali. Aliás, eu encontro muitas mulheres que falam, "Nós não éramos feministas". Elas falam, faz questão de falar. Eu falo, "Não, eu acho que nós éramos". Porque nós enfrentamos, gente, o que tinha de pior nesse país. Nós enfrentamos com nossos corpos ou com nossas corpos, como as meninas falam hoje, foi ali, o nosso corpo foi, você entendeu, para o campo de batalha mesmo. Então, ali, pode ninguém falar que é feminista, mas nós rompemos com os estereótipos patriarcais, assim, historicamente consolidados na história do país, entendeu?

Ali nós enfrentamos, porque os militares criticavam, porque você era mãe, criticavam porque você não era mãe, criticaram e maltrataram mesmo mulheres que tinham uma... Como é que fala? Enfim, anticoncepcional na bolsa, né? Tinha mulheres que usavam a palavra anticoncepcional, que era... Ali era uma forma de você evitar uma gravidez indesejada. Então, eles criticavam os militares criticavam, os militares criticavam, te torturavam, te torturavam porque souberam que você tinha feito um aborto e torturaram você grávida abortar, te estupraram, te usaram o corpo. Os militares, ali, aquelas 23 mulheres, eu acredito, não sei por que, mas eu acredito que todas elas tenham tido a experiência de serem interrogadas, torturadas nuas, na frente de não sei quantos homens, porque era assim que acontecia com a gente.

Entendeu? Então, acho que eu não falaria assim, tão definido como você, que está escrevendo a história, pode ser, mas porque é um processo.

Mesmo quando eu sentei lá naquela... Na calçada lá em 1964, vendo aquelas mulheres passarem, eu vi que tinha alguma coisa errada. E eu falo assim, "essa é a minha data do meu feminismo. Mas talvez... Eu não sei se eu falei comigo mesma, eu sou feminista, não lembro disso, entendeu?

Eu fiquei mais feminista na clandestinidade, foi quando eu comecei a ler o Pasquim. Como eu lia todos os jornais, eu lia todos os jornais. Eu era da imprensa, imprensa você tem que ler. Fazia sinopse e encaminhava para o Comitê Central. Era uma das minhas tarefas. E aí eu vi que o Pasquim, com aquele machismo dele todo, e ele era um jornal instigante, Nossa, era muito bom você ler o Pasquim, porque ele é um humor machista e tudo, mas era o que a gente tinha de melhor, você sabe? Olha só, você vê que quando a coisa tá ruim, você tem que aproveitar o que tinha ali. Eles eram muito ousados também, sabe? Eles criticavam aquela milicada toda, era muito engraçado. E eles receberam a Betty Friedman, aquela feminista americana, ou estadunidense, melhor dizendo, que era a que fez a Mística, uma mulher mística.

Eu nem lembro o nome, mas vocês conhecem, né? Todo mundo conhece, né? E então eles criticaram, aí eu fiquei, nossa, aí eu posso falar o que eu falei, eu sou feminista, eu sou essa mulher aí. E eles chamavam ela de feia, mal amada, e eu falei, essa mulher que eu sou. Então, essa Betty Friedman que eu nunca vi na minha vida, eu só vi no Pasquim, e parece que ela chegou aí num programa de televisão, mas naquele tempo, pelo menos, eu assistia na televisão. Eu só assistia na televisão na hora do noticiário, para ver se não tinha aquela famosa manchete "terrorista morto em tiroteio", né? Que aí eu queria ver qual era o companheiro ou a companheira que tinha sido assassinada. Mas por conta disso, porque eles colocavam no jornal, às vezes, no Jornal Nacional, e punha foto, e falava "terrorista morto em tiroteio", tal, não sei

se você lembra. Enfim, nós fomos chamar de terroristas pela mídia, pela imprensa. Eu acho que a imprensa nos deve isso.

Eu acho que a imprensa sempre nos deve isso, tratar as pessoas com respeito. Venha conhecer a história, sabe? Para publicar a história conforme a história é, sabe, eu gosto de chamar de terrorista, terrorista é o Estado, o que o Estado fez com esse...

Não é comigo, é com as pessoas que lutavam e com a população em geral, você vê o relatório da Comissão Nacional da Verdade, que absurdo que eles fazem. Bom, eu fiz muita discussão dentro do PCdoB a respeito do feminismo, aí eu fui fazendo, e sempre com muita dificuldade, porque o machismo prevalecia. Então, todas as vezes... Hoje eu não sei como é que eles estão, espero que estejam... Não sei. Hoje eles devem estar tão mal quanto nós todos. Porque a coisa está muito ruim, né? Mas, pelo menos, nós estamos na luta. Espero que estejam na luta iluminados. Mas eles não eram assim, não. Eles não eram e não sei o que. As instituições partidárias são muito machistas, de modo geral. Como é na sociedade, não é que eles inventam machismo.

E também quando eu falo do machismo, é histórico no partido. Eu vou trazer um dado para vocês, que não sei se vocês já ouviram falar, ou já leram, estudaram, a grande teórica feminista de esquerda, e para mim foi a primeira que eu levo dos anos 60 para cá, foi a Heliete Safiote. Foi a grande, ela é a grande. Não adianta, ela é a grande.

O pessoal fala "nossa, é porque você era amiga dela". Eu era amiga. Mas ela era grande. Teoricamente, ela lia tudo, a gente estudava tudo. E era uma debochada. Porque feminista tem que ser crítica. Não dá para ser feminista boazinha. Não existe feminismo boazinha. Se for boazinha já é estranho. Porque ela tem que ser crítica, ela tem que ir para o debate. Não tem outro jeito. Nós vivemos em uma sociedade patriarcal. E a Heliete... Ela escreve no livro dela "A Mulher na Sociedade de Classes", "Mito e Realidade". E ela mostra um dado ali que nos anos de 1957, acho que 1957, não estou lembrando agora, o Juscelino Kubitschek era o presidente da república, ele teve o apoio dos comunistas para se eleger, e acho que até deu cargos para comunistas e tinha uma federação das mulheres do Brasil naquela época, uma organização de mulheres. E aí uma discussão foi feita também, porque era uma política que vinha do comunismo internacional, mas que tinha mulheres interessantes ali. É importante estudar. Hoje eu faço muita questão de estudar a história das mulheres, porque a história das mulheres às vezes conta para a gente muito mais a história dos feminismos do que às vezes as próprias teorias.

Teoria é bom porque é um instrumento que você tem ali na mão para te iluminar mais o caminho. [Começa a passar uma música ao fundo] E aqui, de vez em quando, é assim. Eu moro aqui num muquifo, sabe como? Então o pessoal resolve botar música.

E aí, então, essa federação foi fechada pelo Juscelino Kubitschek, que era considerado governo democrático, à pedido das senhoras católicas, que diziam que essas mulheres comunistas iam para o morro para ensinar sobre subversão, sei lá, ensinar comunismo, alguma coisa assim, no morro, nas favelas. Então, era para fechar. E o Juscelino fechou, e os comunistas e os homens não fizeram nada. Você já viu algum protesto de homens? Pega ali na história. Eles tiveram tanto espaço e não falaram nada. E o que fizeram? Então fecham a federação, o espaço das mulheres, isolam as mulheres, porque se nós não podemos estar organizadas, nós ficamos isoladas, solitárias. Ficamos fragilizadas. E daí vem o golpe, e o golpe usa quem, gente? Usa as

mulheres para dar o golpe. Vocês estão percebendo o paradoxo da coisa, que é demais? Eu vi isso.

E agora na questão do governo Dilma, eu vi isso também. Por quê? A Dilma foi muito perseguida e foi golpeada. O governo Dilma foi golpeado porque era uma mulher, sem dúvida nenhuma. Ela era mulher de esquerda, tinha sido da guerrilha, foi torturada, inclusive, pelo Ustra, assim como eu também. Então, eu tenho muita identidade com a Dilma. Eu tenho. Além da mineirice, que ela é mineira também. Então, eu falava assim, "Nossa, nós temos tudo assim, né? Embora ela seja uma mulher de uma classe média e tal, eu já não era o caso. Eu já sou de uma classe mais popular, vamos dizer assim. Mas nós somos de uma história muito parecida, né? Muito parecida. E eu me identifico muito com ela. Quando ela ficou pressionada lá, porque eles pressionaram ela antes de se eleger, que ela teve que assinar uma carta, que ela não ia falar de aborto, não teve uns negócios assim, gente? Umas coisas assim. Ela foi pressionada, teve o outro candidato lá que dizia que ela era aborteira, terrorista aborteira. Quando passou isso, a gente via essas informações. E quando ela foi golpeada, antes de ser golpeada, no ano de 2015, eles obrigaram a ela a tirar gênero do Plano Nacional da Educação. Vocês se lembram disso? Que até foi o ministro, o Renato Janine, que é um cara progressista, é uma cara democrata, é um cara bom.

Ou seja, tirou. E o que que deu? Adiantou? Não, piorou a situação. **Quando a gente abre mão dos direitos das mulheres, a gente acaba piorando a situação para toda a sociedade.** Porque o mal que está sendo feito hoje é um mal muito grande para as mulheres, mas é para toda a sociedade. O que está vendo aí o que está acontecendo.

Então, essa questão das mulheres, dos comunistas, da esquerda, eu falo, considera ainda como uma coisa secundária. Se der, a gente faz uma secretariazinha para a mulher. Se der, a gente faz uma coordenação. Faz um cantinho, uma salinha ali para elas, gente, né? Afinal de contas, elas são tão legais, né? Então, e fica nisso. Não se entende como as mulheres fazem parte. Nós somos seres. Então essas questões de gênero, assim como de raça etnia, são questões estruturais da sociedade, do Estado. Ou a gente enfrenta de frente com toda a demanda que vem, que não é pouca, não é pouca nem fácil, porque historicamente nós somos construídas como seres inferiorizados, tanto nós quanto os pretos, os negros, nem tudo. Então, a gente, os indígenas, todo mundo, só o branco, rico, é que não é inferior, o resto todo mundo é inferior.

É como se fosse descartável. Então, eu penso que... Eu não quero aqui condenar a esquerda, não que eu sou de esquerda. Eu sou de esquerda. Sou e com muito orgulho. E com muita luta, conquistei esse título de ser de esquerda. Não foi fácil, não. Mas a esquerda sofre muito os reflexos da própria sociedade que vive. É uma sociedade assim, a esquerda vai se adaptando a essa sociedade, ao invés de propor uma mudança pra essa sociedade. Se ela adapta, tem esses preconceitos mesmo, então pronto, vamos aceitar, porque já que é assim mesmo, vamos aceitar. E vamos aceitando.

Então Dilma, não fala de aborto, porque você é mulher, que você é guerrilheira, não fala, tá bom, não fala. Adiantou não falar, entendeu? Adiantou. Mudou o quê? Então, nós temos que enfrentar, nós temos que enfrentar. E só pra concluir, gente, infelizmente eu falo demais, eu tenho muita história, eu sou muito velha, então, velha tem muita história pra contar, mas é o seguinte, o que está acontecendo hoje no Brasil tem muito a ver com a gente colocar como secundário esse passado recente. Isso já passou, não é, gente? É secundário. Vamos pensar pra frente. É como se o passado bate no presente, bate pesado.

Quando eu vejo esses dois, eu estou ouvindo as informações sobre esses dois desaparecidos, o Bruno Araújo e o Dom Filipes, eles foram mortos. A razão, a gente até imagina e imagina muito no real. E o processo, e o modo de operação. Os nossos companheiros morreram assim. Nossas companheiras. Mas nós... “Não, isso passou, né, gente, agora vamos...” “ Pronto, aqui é assim, qualquer coisa, vamos para a Paulista, né? A gente põe uma camiseta vermelha e vamos para a Paulista. Tá bom, mas esse é o presente. Mas esse presente tá carregando o passado. Está carregando forte. Então é isso, gente. Eu vou deixar para vocês agora.

Redemocratização e atuação popular feminista

Entrevistadoras:

Amelinha, você nos deixa aí sem fôlego, com tanta... Experiência e tanta vivência, né? E nós entendemos que essa reparação, o Brasil deve uma reparação, né? Já que não aconteceu como em outro país, como a Argentina e o Chile, né? Uma justiça de transição justa. Claro, nós avançamos. Muito com a Comissão Nacional da Verdade, né? Ela nos ajuda muito a pensar nesse passado recente e entender também esse estado violento que perpetua até 2022. Nossas questões vão mais para pensar agora a relação com a proposta das PLPs, pensar como que se organizou, como que foi pensada, quais são os objetivos? Porque agora é a nossa casa, nós somos PLPs, PLPs de Goiás. Estamos aí fazendo cursos, né? Estamos formando outras mulheres e a gente está seguindo o que você plantou. Olha a nossa responsabilidade, né? Seguir o que você propôs.

Amelinha Teles

Aaaaah vocês fazem muito melhor. Vocês estão crescendo muito. Olha, o processo chamado de redemocratização, eu acho também um nome estranho, não é? Toda gente tem questão de redemocratização. Depois da ditadura, se é ditadura, militar foi de 1964 a 1985, aí então já chamou redemocratização, Nova República, eram os nomes assim. Comentários à parte, o que aconteceu foi o seguinte, foi convocado, nós lutamos, nós feministas, batemos de frente com a legislação patriarcal, autoritária. Tanto a legislação e a interpretação dessa legislação também e a aplicação nas políticas públicas. Quer dizer, se a gente for ver na família, nós éramos subalternas ao homem. Ele existia ou não dentro da família, e nós éramos subalternas. A lei colocava dessa forma, inclusive não queria nem dar, às vezes, título para uma mulher, título de propriedade, essas coisas.

Na educação, nós éramos mais escolarizadas que os homens, tivemos mais escolaridade que os homens, apesar de tudo. Mas a gente tinha que ficar naquele lugar, no espaço feminino da educação. Não podia extrapolar daqui. Eu tinha muita dificuldade para sair daquele espaço. Na saúde, o nosso corpo só era lembrado, né? Foi por isso que a gente questiona essa expressão, esses programas materno infantil, saúde materno infantil.

Quer dizer, só mãe. E a mulher tem o direito de não ser mãe e a mulher tem o direito de ser atendida em todas as fases da sua vida, independente de ser mãe ou não. Entendeu? Então, a

saúde tem que ser, né? Por isso que a gente lutou e agradeço muito aquelas feministas que até tem aí de Goiás, de Goiânia, ou de Brasília, que ajudaram, que fizeram dentro do Ministério da Saúde, o programa de assistência integral à saúde da mulher no país. Com todas, digamos assim, as lacunas que tem esse programa, mas foi muito... Nos deu muito fortalecimento, porque nós falamos direito de decidir sobre o nosso corpo e como, se nós nem conhecemos o corpo. Então nós fomos obrigadas a conhecer o nosso corpo, o que foi muito bom, e a discutir como é que o nosso corpo estava sendo tratado pela sociedade, pela medicina.

Olha, nós tivemos muita discussão com esse feminismo que veio, ele veio rompendo com debates, trazendo novas informações e isso fez com que, enfim, num determinado momento fosse convocado uma constituinte. Com essa constituinte, gente, o que nós trabalhamos, vocês não imagina, que nós trabalhamos tanto do lado de fora para mobilizar mulheres para invadir os partidos.

Foi aí que os partidos que ficaram com raiva da gente, porque a gente estava com as pessoas que não entram no partido e vão ser candidatas. A gente fazia essa campanha, esse partido que ficaram possesso de raiva, entendeu? Porque quem decidiu o partido, quem vai ser candidato, somos nós homens aqui que decidimos. Então vocês estão querendo aparecer, vocês estão querendo ser candidata. É um discurso bobo, parece de criança, sabe aquela coisa? "Ah, mas a bola é minha", entendeu? "Olha você, amor", aquelas coisas.

Bom, mas a verdade é a seguinte, que nós tivemos o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, que foi uma conquista feminista, já tinha tido essa conquista em nível estadual, tanto em Minas quanto em São Paulo, mas ela em nível nacional, e depois a primeira presidenta, a gente foi a Ruth Scobar, não esqueçam de essa mulher, como ela diz, ela mesmo diz, né? Ela tem um livro que saiu com a biografia dela, fala assim, "nem tudo"... Como é que é? Eu agora não lembro, eu sou assim... Vocês pensam que falam de tudo mentira, não é não, tem muita verdade nisso que falam. Quer dizer, falavam muito mal dela, e ela falava assim, nem tudo é mentira, não, nem tudo é, porque tem muita verdade nessas falas aí, porque ela era demais, eu acho que a Rute Scobar foi perfeita, porque ela rompeu com aquela estrutura formal, patriarcal, ela foi com tudo e levou.

E nós aqui fora também, nós fora, nós do movimento, que não eram institucionalizadas, nós também, nós ganhamos muita força, passamos a acreditar muito em nós, no que nós queremos, nós fomos com tudo. Então a gente brigava com os partidos, brigava com a igreja, porque a igreja não queria que a gente falasse de aborto, vamos falar assim, porque nós é que morremos de aborto, não são vocês. Então aquela história, né? Vamos falar assim, violência contra as mulheres, nossa gente, a esquerda achava que você tratava de violência contra as mulheres. Eu não tô falando da esquerda porque a direita nem sei, a direita é sempre horrorosa, quando ela aparece, ela fala tanto, logo a gente bota ela pra fora do movimento. "Ah, não, minha filha, você é liberal, direita, capitalista?" "Ah, filha, vai procurar sua turma né? Não é aqui, é o nosso espaço." Então, aquelas pessoas que falavam assim "não, gente, mas se a gente vai denunciar a violência contra as mulheres, nós vamos denunciar o trabalhador, porque quem bate é o trabalhador, nós somos a favor da classe trabalhadora". Olha a confusão que é. "Nós somos a favor da classe trabalhadora, sempre. Aqui é porque nós somos trabalhadoras.

Tem uma Letícia Parker, se não me engano, ela deu uma entrevista aí, em algum jornal, e ela fala assim, o proletariado brasileiro é feminino e negro. E a verdade, **quem é a grande massa trabalhadora aqui no Brasil? São as mulheres e as pretas.** E, aliás, a própria ONU traz essa

informação. Quando ela fala que o trabalho no mundo, dois terços do trabalho no mundo são realizados por mulheres. Então, nós somos grandes. Então, quer colocar a questão da classe lá na frente, tem que colocar a mulher, porque a mulher que é a maioria da classe, trabalhadora.

Agora, nós, na Constituinte, somos interessante, nós chamamos mulher de tudo quanto é lugar, abrimos esse espaço, abrimos com muita luta. E as mulheres negras vieram com tudo, também as mulheres negras. Tinha essa mulher negra na constituinte, tinha a Lélia Gonzales, que fazia aquele discurso. Tinha muita mulher preta trazendo reivindicações em que nós, feministas, pelo menos as feministas que ali estavam participando, eu vou falar que todas as feministas são antirracistas, mas aquelas que estavam ali eram. Eram e somos. A história da África. Leia, gente, uma hora. Não sei se vocês tiveram a oportunidade, mas eu tinha até vontade. Eu tinha vontade que as promotoras legais populares conhecessem tudo isso. Nossa, então, realmente, eu não sirvo nem para orientar, porque eu... Gente, eu queria tudo isso. E elas ficam doidas, porque elas têm um monte de problemas. E eu tenho que ter tudo isso no curso? Nunca dá, né? Mas eu gostaria. E pegar aquela carta das mulheres brasileiras aos constituintes, que está na internet, pega aquilo. **Nós é que reivindicamos que tivesse a história da África no ensino.** Está lá. A gente pediu licença e paternidade, gente. Nossa, nós fomos trucidadas, pedindo licença e paternidade. Aliás, acho que não está escrito exatamente desse jeito, mas elas chegaram assim. Aliás, gente, eu sou um parente. Acho que em setembro saiu esse livro que eu escrevi, que chama "Feminismos, Ações e História das Mulheres". História das mulheres? Acho que é isso. Ou de mulheres, não sei. Eu acho que é das. Agora eu estou na dúvida, entendeu? Eu teria que olhar o que eu pus, o nome que eu li. Mas eu falo dessa história, viu? Da constituinte. E eu ponho uma cartinha das mulheres lá de... Acho que é em Embu das Artes, né? Ou Itapicirica da Sé. Alguma cidade próxima aqui da... São Paulo. É a greve de São Paulo, é a greve de São Paulo, a região metropolitana de São Paulo, tem uma cidadezinha aqui que tinha um clube de mães que elas escreveram assim. Põe na carta, põe na constituinte, constituição, porque todo mundo fazia maior confusão, o que é uma coisa, o que é outra. Tinha gente que já achava, não, nós aprovamos lá, eu falei, nós aprovamos na carta, mas quem aprova é lá dentro, você tinha que explicar, né?" Porque eu falava, "não, já escrevemos isso aí, já é lei, não é assim. Espera só um pouquinho que eu vou abrir.

Aí, elas. Escreveram assim: "olha, tem que ter uma lei para não deixar os maridos baterem nas mulheres". Então, você não podia escrever exatamente assim, como um projeto de lei, né? Você não vai escrever isso. Mas a gente via que tinha que ter essa lei contra uma lei que garantisse que seria contra a violência contra as mulheres. Na lei teria que estar escrito isso. E era uma discussão enorme. Nós discutimos com muitas mulheres. Conseguimos na Constituição, vocês já devem ter ouvido, de vez em quando dão essa notícia, pelo menos nos meios feministas, **porque essa história é muito esquecida.** Eu acho que a gente tem que frisar isso. 80% das reivindicações das mulheres foram aprovadas, daquela nossa carta. Então, nós conseguimos, pela primeira vez que na Constituição tivesse escrito, "Homens e mulheres são iguais em direitos e deveres", que nós invertemos, a gente **põe "mulheres e homens são iguais em direitos e deveres"**. E, quando, em 1988, em 1989, 88 é a promulgada da Constituição, 89, eles, eu acho que é o ministro, não sei lá quem que é o ministro, mas que fala que o Conselho não tem mais necessidade do Conselho, porque as mulheres já conseguiam com igualdade. Quer dizer, o idiota é uma coisa que está no papel, entendeu?

E até você reconhecer isso e transformar isso numa política pública, no serviço adequado. A gente foi sempre ficar no papel ali, né? Mas a coisa foi ficando muito difícil. A década de 90 a

uma década, muito difícil. Não é a primeira vez que a gente passa momentos tão difíceis, não foi muito difícil. E eu falo assim que nisso eu passo a participar, eu vou num seminário latino americano do CLADEM, que foi eu e a Denise Dora, que hoje acho que é do artigo 19, mas que era do Grupo THEMIS, que eu tenho muito carinho pela Denise. Nós fomos para ver as experiências. E as experiências falavam de educação jurídica para as mulheres. Educação jurídica, orientadoras jurídicas, enfim, era tudo em espanhol e nós aqui no português. E ficamos... Não, tem um grupo lá, tem um grupo que é lá da Paraíba, eu acho que elas se chamam juristas populares. Eu acho isso o máximo, né, gente? Para mim é o máximo. Juristas populares. Porque todo jurista acha que ele é branco, poderoso, homem. Não, tem os juristas populares. E nós vimos aquilo. E o que nós pensamos? Eu troquei muitas ideias com a Denise naquele tempo.

E depois eu vim aqui para São Paulo e pensei, gente, nós fizemos toda essa luta e eu sempre fui de favela, periferia, rua, sindicato, esses são os meus espaços habituais. Eu falava assim, eu vi a mulher falando, eu não sabia que tinha isso na lei e na Constituição. Quantas? Eu falei, "Gente mas nós lutamos tanto para ter isso e vocês nem sabem?" Quantas entrevistas nós fizemos, quantas manifestações nós fizemos, quantas vezes nós fomos no Brasil, ninguém estava sabendo. Nós temos que pensar nessa educação jurídica para conhecer os direitos que nós conquistamos na Constituição. Essa foi a ideia inicial. Entendeu? Essa foi a ideia inicial, de defender a Constituição. E é interessante que aí tem um monte de histórias, não sei se vocês têm paciência para ficar ouvindo, mas é o seguinte, as promotoras legais e populares vieram e é engraçado, nós somos assim, né? Nós pensamos "Ah, se a gente faz um ano, dois anos, três anos, elas vão contando pras outras e não precisam mais. Não precisam mais, né, gente? Um ano, dois, um. Não, até três anos, tá bom. Hoje faz três anos. Não precisa mais, não.

Gente, nunca mais parando, né? Nós estamos praticamente... Esse seminário latino americano foi em 92, está fazendo 30 anos, **30 anos**. Agora até merecia um artigo mesmo, viu, gente? Os 30 anos. E tinha que escrever eu e a Denise. Mas eu vou até passar um zap pra ela, né? Quem sabe ela quer. Porque... E assim, sozinha, sozinha não vou fazer não, porque... Como é que fala? Ah, eu tenho muita coisa pra fazer, gente. Nossa, não dá tempo. Não dá tempo, né? Ficar inventando mais coisa pra mim mesma. Não dá, né? Aí também já é sem graça.

Mas aí... O que a gente viu? A gente viu o seguinte, que... Nessa década de 90, depois passada a década de 90, que a gente ficou pensando. Porque as mulheres não queriam... Nossa, as mulheres começaram a achar que tinha que ter... "Não, mas já fizemos três anos, já tá bom." "Não, vai fazer..." Nós estamos fazendo até hoje. Entendeu? De vários formatos. Os temas variam, mas a base nossa foi a Constituição, os direitos humanos. E eu vou explicar por quê, porque naquela década de 90, o movimento teve um esvaziamento. **Teve um esvaziamento por causa do empobrecimento.**

Ali já começou o Estado neoliberal, a redução das políticas públicas, das políticas sociais, o Estado mínimo, Então tudo aquilo que a gente reivindicava, que estava lá na Constituição garantido, a gente não conseguiu aplicar, por conta que a aplicação dessa Constituição exige um Estado democrático. Fortalecido, estruturado. E nós não temos ele desde os anos 90. Agora eu nem comento, gente, porque esse homem aí está destruindo tudo. Gente, olha, francamente, quando chega em outubro, o pessoal tem que pensar, pensar antes, né? Quando chegar em outubro, decidir. Porque não sei se vai... Daí vai ter que mudar!. Vai ter que mudar, não tem como, isso aqui é a morte. Esse cara é da política da morte. Da anti vida, do anti humano. Gente que horror, que horror esse cara.

Então, mas o ano 90, a década de 90 foi uma década de esvaziamento do movimento. Porque começou a Sônia Alvarez, que é uma professora lá dos Estados Unidos. Você já ouviu falar? Não. Ela fala que a década de 90 é a década da ONGização. Com a ONGização já ouviu falar disso? Então, por quê? Muitas feministas são muito preparadas intelectualmente, profissionalmente, e elas não tinham espaço. Fechou o mercado, o serviço público, a universidade, eles não faziam concurso.

Quem fez universidade nesse Brasil, gente, pode falar o que quiser, foi o presidente operário, analfabeto, esse é que fez. Porque o outro lá, que era o príncipe da Sorbonne, o Fernando Henrique, ele não fez, não abriu concurso. Ele não fez, não é desse lado. Essa é a nossa história. Engraçado, que a gente esperava que ele fosse da maior força. Porque ele é um cara intelectual, famoso. O Lula não, trabalhador sindicalista. Pois ele fez e botou preto. Na universidade. O que faz diferença.

A gente sente nas promotoras. Porque a promotora legal popular é o movimento vivo, gente. É o feminismo popular. É o feminismo interseccional. Isso não. É aquele interseccional, aquele que traz raça, classe, sexo, gênero, você entendeu? E orientação sexual e intergeracional, enfim, tudo isso aí. É o movimento que traz. Então ele é movimento. Por isso que o nosso trabalho hoje é um trabalho de lidar com o movimento, de participação. Não dá para ser um cursinho. Não é um cursinho. "Aqui vocês não vão ter cursinho, coisa esse nenhuma. Aqui vocês vão ter participação, atuação." Então, isso que nós fizemos. E na década de 90, com esse esvaziamento, porque uma ONG é ótima, não vou falar que não é boa.

Nossa, o que elas produziram de conhecimento para nós, elas fizeram o que a universidade estava tentando fazer. Na década do Lula, Dilma, na década do Lula. Na década do PT, a universidade começa a produzir muitas pesquisas, abre universidade, universidade diferente. Eu tenho amigas, espera um pouquinho só, gente, que está tocando aqui. [celular toca]

Amelinha Teles

Então, essas ONGs têm um valor enorme, mas elas não são de massa. Massa é um termo feio de falar, tá completamente fora de moda. Porque massa mesmo é de pão, de bolo, essas coisas. Mas eu quero dizer assim, não é aglutina, não aglomera. E o nosso é a aglomeração pura, né? Por isso que nós estamos sofrendo, inclusive, muito com essa pandemia, porque o nosso trabalho é de aglomeração. Porque a gente faz a auto-organização, faz a autosustentação, por exemplo, aqui nós fazemos almoço, faz bazar, faz brechó, faz não sei o quê, porque nós queríamos entrar no lugar. E isso é só aglomeração, fora as manifestações na rua, vamos lá, vamos fazer uma faixa, nós precisamos do dinheiro para fazer aquelas coisas, né, que hoje nós estamos sofrendo com isso, tá muito duro. Nossa... E as promotoras legais populares, houve um esvaziamento no feminismo e as promotoras legais e populares preencheram esse esvaziamento, elas trouxeram essa vida. Como dizia uma metalúrgica, e eu até cito ela nesse meu livro, "É o seguinte", ela dizia nos anos 70, ela já morreu. "Nosso feminismo veio para ficar", porque diziam que tinha onda. Eu sou contra esse negócio de onda, onda, desce, sobe, não.

Isso é a naturalização do nosso movimento. O nosso movimento não é natural, não. O nosso movimento é uma construção histórica. Nós decidimos fazer o movimento. Você entendeu? Não é porque eu sou mulher que eu já sou do movimento. Não é isso. Eu estou construindo

isso, esse processo. Então, ela falava assim, “nós viemos pra ficar, não tem esse negócio de onda, não. Nós estamos aqui na rua e não vamos sair mais”. Ela falava isso. E de certa forma, nós mantivemos isso nos anos 90. Quanta coisa nós fizemos. Hoje em dia, esse juizado de violência doméstica e familiar, quem inventou esse juizado fomos nós. Eu tenho documento aqui na União, falando isso, discutindo as promotoras legais populares. A gente até propõe um... Nós chegamos a propor um juizado. Para crimes no âmbito doméstico e familiar. Um negócio é assim. Até eu lembro que os juízes falaram assim, “Nossa, então a família tem muito crime, né?” “Vocês estão querendo um juizado.” Eu falei, “Tem. É que esse crime é invisível.” “Quantas mulheres são espancadas, são estupradas, são assassinadas.” E vocês não entendem. Porque ele falou, “Nossa, que absurdo. Vocês estão querendo dizer que a família é altamente perigosa.” Ele falou, “Pode ser.” “Ela pode ser uma grande base para nós, mas ela é uma base altamente...” “As relações são violentas, tem a violência”.

Então nós trouxemos isso e... E é isso, né, gente? Então, por isso que tem as promotoras. E que hoje eu vejo assim, eu acho que nós começamos num formato, um formato que era muito vinculado à instituição, direitos humanos, a gente queria... E fizemos, né? Trouxemos muito impacto para a sociedade. Por exemplo, a gente queria, né? A gente queria se achar, se aparecer, entendeu? Porque muita gente criticava a gente, inclusive feministas, né? “Vocês vão ficar com direito aí?” “Vocês vão com direito patriarcal?” Não, nós estamos desconstruindo esse direito. E quando a gente vai desconstruindo esse direito patriarcal, nós estamos buscando condições para desconstruir isso na sociedade, seja em qualquer área. Que o patriarcado ele perpassa por todas as áreas. Inclusive, o patriarcado não é uma prerrogativa de homens, é de mulheres também. As mulheres também assumem o patriarcado. Aliás, ele existe. A Helliete Saffiote que falava que o patriarcado existe porque tem mulher que depende. Por várias razões, não sabemos, mas isso é histórico. Tem mulher que, nossa, a gente está vendo aí a nossa, quer queira que não, é a ministra, a Damares, o que é aquilo? Ela defende o patriarcado.

É o mais cruel do patriarcado. O lado mais perverso do patriarcado.

Então, nós passamos por essa fase, então, por exemplo, eu ia falar pra vocês, nós fomos aí no STF, em Brasília, nós conseguimos um ônibus, alugamos um ônibus e fomos pra aí. Arranjamos uma amiga, não sei como, alguém arranhou uma casa, e a gente chegou lá e podia comer, tomar um café e tudo, e ia lá pro STF. Aí nós tomamos café de manhã e fomos lá pro STF. Chegamos lá e eles não queriam deixar a gente entrar, porque nós estávamos todos de calça comprida. Porque a gente viaja de calça comprida, né, gente? Que é frio nas pernas, é mosquito, não sei o que de você vir de ônibus. Nós viajamos 16 horas. Aí, olha, sabe o quanto de dinheiro que nós tivemos que ter, né? Nós tivemos que ter dinheiro pra alugar o ônibus e esperar a gente, porque depois nós íamos voltar nesse ônibus. Pra almoço, que na viagem, você tem que almoçar, senão não aguenta de fome, né? Água e tudo mais. Enfim. Aí quando nós chegamos lá eles não quiseram deixar a gente entrar e foi um quiprocó. Se não me engano, vocês vão achar isso no Diário Oficial ou do dia 16 de outubro de 1996.

É por aí, viu gente? Ou 17 ou 18. Vocês procuram num desses três aí. E aí, quem era o presidente do STF, era o Sepúlveda Pertence. Então nós falamos, gente, nós viemos lá de São Paulo, viajamos 16 horas e vocês vão deixar a gente lá de fora, nós somos promotoras legais populares, que eles nem nunca tinha ouvido falar nisso. Existia a menor ideia que existia isso. Nós somos promotoras, nós estudamos a Constituição, nós estudamos o artigo 5º, então a gente fazia questão, sabe? Nós estudamos os tratados internacionais, então os caras ficavam olhando assim pra nós, como é que pode? Essas mulheres estão querendo o quê? Tão querendo tirar sarro de

nós, né? Estão querendo... Aí, conversa vai, conversa vem, apareceu, tinha um... Um assessor do ministro lá, né? Que conhecia a gente. Ele até deu o nome, o nome é Marcos Ribeiro. Eu não sei se ele ainda é vivo, se tá lá, onde tá. Mas ele tinha ouvido falar assim, e ele falou assim, "não, eu vou conversar com o presidente, para fazer uma exceção. Vocês entram hoje". E aí ele conseguiu, e nós entramos. Nós assistimos duas audiências no STF. Uma era da UNE, acho que era em relação a...

Se não me engano, a UNE... Não sei se era negócio da carteirinha ou se era negócio de cota, agora não estou lembrando. E a outra era do MST, que foi muito interessante. As duas audiências. As mulheres ficaram encantadas de saber que o assunto que você vive lá, na sua história, aparece aqui no judiciário, aparece desse jeito, sem você poder entrar, você tem que negociar. Mas foi tudo muito interessante.

Entrevistadoras:

Não podia entrar de calça comprida?

Amelinha Teles

Por quê? Aí vocês vão ver nesse diário oficial, não vai dizer que foi nossa exigência, porque nós falamos, gente, esse negócio aí era muito atrasado, né? Por que, gente? Não podia andar de calça comprida. Porque a Chiquinha Gonzaga, que vivia no século XIX e parte do século XX, ela foi uma das primeiras a usar calça comprida no Rio de Janeiro, porque não podia. Mas como ela gostava de fazer as roupas dela, ela fez, ela gostou da calça e tal e andava. Mas ela era muito mal vista, né? Ela era muito estigmatizada. Ela foi muito discriminada a vida inteira. Mas ela fez o que quis, né? Então a Chiquinha Gonzaga é uma que tá no meu livrinho. Eu ponho ela no meu livrinho. Porque ela fez o que ela achava que tinha que fazer. E trouxe grandes contribuições pra toda a sociedade, né? Ela trouxe.

Então, eles revogaram a portaria, o Sepúlveda Pertence, ele entra na história graças a nós, porque revogou a portaria que proibia as mulheres de entrar de calça comprida. E que sai nesse dia 16, ou 17, ou 18 e graças às promotoras legais populares.

Então, isso, gente, isso causou muito empoderamento pra nós. E todo mundo falando "nossa, manda essas promotoras legais populares ir lá, porque elas conseguem". Entendeu? Nós tivemos um outro caso também, que é o estupro. Quando o estupro ocorre no local de trabalho, teve uma menina que sofreu estupro lá nas promotoras. Nós fizemos discussão com todo mundo e resolvemos levar o caso à frente. E é toda uma história, né? Mas o..., aí, um assistente social até que falou "Não, vamos entrar com a CAT", aquele comunicado de acidente de trabalho. Teve feminista que falou "não, estupro não é acidente de trabalho". Mas pode ser também é uma forma dela se afastar do trabalho conseguindo o salário. Ela se manteve com o salário até que se resolvesse a situação. Então foi uma coisa muito interessante, entendeu? Foi interessante. E aí nós conseguimos. O INSS ficou morrendo de ódio de nós. Por quê? O primeiro dia que ela conseguiu essa CAT, e saiu no jornal, no Estadão. A gente avisou no jornal. E eles acharam legal. Aí, pô, saiu no jornal, saiu na Globo, saiu não sei aonde. Aí, no outro dia foi não sei quantos advogados e mulheres lá pedindo também que reconhecesse o estupro.

Eu lembro que no outro dia, tiveram que reconhecer 24 casos de estupro, um negócio assim. E foi assim. É claro que agora não temos mais lei trabalhista, o INSS nem tem funcionário mais, nós estamos vivendo um momento difícil de garantir que esses direitos sejam efetivos. Então se inventam outras formas também de luta. Aqui tem PLP LGBT, PLP das pretas, tem PLP das mais de 50, enfim... tem PLP de tudo quanto é jeito. Cada um se organiza. Umas fazem feirinha, outras fazem atendimento, outras fazem sarau, outras participam do Bloco Carnaval, que nós chamamos de Bloco Feminista, Dona Iaia. Então, cada um vai se achando, né? Cada um se acha num determinado espaço, entendeu? O importante é que tem até a Rede Nacional de PLPs, pra mim era meu sonho ter essa rede. Gente, quando eu fui falar na rede um dia, tinha mulher do Acre, tinha mulher não sei de onde. Aí uma mulher falou assim, "olha, agora que tem essa rede, e eu sou promotora legal popular, e eu falo que na minha cidade todo mundo me respeita". Porque antes eu falava, sou promotora legal popular", "ah, e daí? Mas agora tem uma rede. Então eu falo, "tem a rede".

Então faz... É um empoderamento para as mulheres, é um caminho. Porque nós temos que ser reconhecidas para a gente se manter unidas e na luta. Então, acho que é por aí.

Feminismo interseccional

Entrevistadoras:

Amelinha, a gente tá aí com mais de uma hora de conversa, e a gente não quer atrapalhar você pegar seu sol, e você falou que hoje saiu um solzinho maravilhoso aí. Mas se você puder, só mais um pouquinho, falar da importância da centralidade das questões de raça, classe e gênero nessa atuação.plp. O nosso dossiê, o foco dele é a educação popular e a interseccionalidade de raça, classe e gênero. E como você falou, as liberais estão disputando esses espaços com a gente. Então, qual é a importância dessa centralidade? E aí na sua fala do começo, quando você falou da marcha da Família com Deus pela liberdade que você trouxe, as mulheres negras ali obrigadas. Então, como que você vê a importância dessa questão de raça, classe, gênero na atuação das PLPs? Só para fechar e você ir curtir o seu sol.

Amelinha Teles:

Olha, eu sou feminista interseccional. Hoje eu fui feminista da teoria do nó, que eu sou também. A Heliette Safioti é uma teórica marxista e que defende a teoria do nó. Ela fala que classe, raça e etnia, sexo e gênero são três contradições fundamentais na sociedade que não podem ser colocadas num plano secundário. Tem que ser o nosso norte, o nosso caminho. O enfrentamento em relação a essas três contradições, principalmente, não é que ela considera só três contradições, mas ela fala que essas são fundantes da sociedade, são fundantes do Estado. Então, eu sou teoria do nó. Eu aprendi o feminismo interseccional mais recentemente, mais nas discussões com o feminismo negro, que as mulheres negras é que trouxeram isso com mais intensidade, que essas opressões de raça, de classe e de sexo, essas opressões vão atravessar as nossas corpos, né, que as meninas falam, e que vão atravessar simultaneamente, elas acontecem ao mesmo tempo. Não dá para eu dizer assim, eu sou aqui, eu sou velha. Aqui eu sou promotora legal popular, ali eu sou lésbica, bissexual, é esse conjunto todo, é que nós somos. Então, e o fato de a gente ter essas contradições nos atravessando simultaneamente, elas vão trazer resultados na nossa vida, na vida da sociedade, são resultados específicos.

Por isso que tem que dar centralidade. Uma das razões. A outra razão é que nós somos maioria. E para mudar a sociedade tem que ter a maioria. E nós temos que mudar. O patriarcado tem que ser rompido, tem que ser banido. Não sei como, mas tem que ser. E é nós juntas. E como dizia, se é o proletariado, quem defende o proletariado, que vai ser o protagonista dessa mudança, transformação, o proletariado é como dizia a Letícia Parker, é feminino e preto, então tem que dar centralidade a isso.

Eu discuto isso muito com o pessoal que fica no marxismo só com a luta de classes. E acho que as outras lutas são indenitárias, são não sei o quê. É um besteiro assim. Eu falo, gente, vocês inventaram umas coisas bobas. Vocês estão criando divisão onde não tem, porque a classe é feita de mulheres negras. A classe é isso. E mesmo a Angela Davis também contribuiu muito para essa discussão. Porque a Angela Davis é marxista de formação. Aliás, só um parêntese. Eu sou Angela Davis a minha vida inteira. Ela é a minha estrela guia. E ela foi presa no tempo que eu estava na clandestinidade e a gente fazia campanha para libertar a Angela Davis.

Mas eu não conhecia os pensamentos dela, não. Esses livros eu vim conhecer em 2016, 2017. Muito recentemente na minha vida. Porque eu não conhecia, porque não chegava aqui no Brasil. A gente não tinha acesso a essa produção grande de conhecimento que a humanidade estava produzindo. No tempo da ditadura, a gente tinha muito pouco acesso, gente. E hoje nem se compara. Hoje nós temos muito acesso. Às vezes nós temos muito acesso e aproveitamos até pouco por questões da dinâmica da nossa vida não permitir. Mas a gente tem que aproveitar mais essa produção imensa que tem aí. E a Angela Davis, ela é marxista, ela tinha uma rejeição à interseccionalidade. Mas ela fala assim, sabe que eu gostei desse termo? Ela fala uma hora. Eu gostei porque junta tudo. Não falando de raça, classe, gênero. Junta tudo, interseccional. Então, do ponto de vista prático, ele é muito bom de ser usado. Esse feminismo interseccional. Embora tenha algumas aí que eu critico, mas acho que está faltando uma discussão maior, porque é bom. Então, esse feminismo interseccional, para trabalhar com ele, e aí eu adquirir um título para mim, eu inventei um. Eu falei "ó gente, toda uma tem um título, eu vou inventar um para mim".

Eu **sou educadora, popular, feminista em direitos**. Entendeu? Eu inventei esse nome e não sei como é que o mercado vai receber isso, também não estou preocupada, mas eu sou isso. **E aí, Feminismo é revolucionário, feminismo interseccional, o feminismo é a teoria do nó é revolucionário**, porque eu não estou aqui para ser feminista, para dizer muito do feminismo liberal, que para mim não é nem feminismo, é mais liberal do que feminismo. Porque o feminismo que acaba de ser assim, defendendo a mulher porque a mulher é mulher. Não, não é por isso. Nós defendemos porque as mulheres são pessoas humanas, que têm que ter todos os direitos, têm que ter toda a dignidade da humanidade. Elas não podem ser tratadas como sub-humanas. Agora dizer que mulher é isso, mulher é melhor do que homem, essas coisas, esse essencialismo, isso aí não leva a nada, sabe? A gente só é como é que fala? Aumenta o separatismo entre nós, aumenta, né? Fica criando um separatismo que a burguesia, o capitalismo já faz isso muito bem, não precisamos de mais, né? Agora, é claro que nós temos que criticar, sim, os homens, porque todos os homens, até os que falam que são feministas, né?

Eles que puderem ficar sentado no sofá tomando uma cerveja enquanto você tá na cozinha fazendo almoço, eles acham muito bom, né? E nem pensei... Já teve um homem que falou isso comigo? "Gente, eu nunca pensei nisso que você tá falando." "Eu chego em casa e sento no sofá e as vezes eu até peço. Minha companheira peguei uma cerveja aí pra mim, né? "Na geladeira." "Eu nunca pensei nisso." Eu falo "Pois é, bom, então..." Se você está falando com

uma feminista, é bom pensar nisso. Isso tem que ser mudado, entendeu? Então, eu acho que é isso, gente. Não sei se respondeu.

Entrevistadoras

Muito obrigada, Amelinha.

Amelinha Teles

Um beijo em cada uma delas [PLPs], fala que estou aqui, estou aqui, estamos aqui enfrentando esse negacionismo, esse obscurantismo, esse atraso, mas nós vamos enfrentar. Aí tem outra coisa que eu falo muito com eles, com os bolsonaristas, que aqui é cheio de bolsonaristas, né? Eles gostam de falar que eles é que são da pátria do Brasil. Não, o Brasil é nosso, o Brasil é nosso. Nós é que construímos esse Brasil, apesar de vocês destruírem. Nós estamos todo dia reconstruindo. Todos os dias, o Brasil é nosso, e nós amamos o Brasil sim, por isso que nós, eles falam que nós não gostamos do Brasil, eu falo que é isso. Menino, eu adoro a vida, adoro o Brasil, eu gosto de gente inteligente, gente que pensa, gente que sabe, que quer ver as pessoas bem. A diferença é essa, gente. Vocês querem ver todo mundo armado, se matando. Nós não. Nós não queremos isso. Essa é a questão. Tá bom, gente?